

REVISTA BATISTA PIONEIRA

Bíblia ▪ Teologia ▪ Prática

Volume 14
Número 2
Dezembro 2025

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DAS ESCRITURAS SOBRE A NATUREZA DO SOFRIMENTO: UMA ABORDAGEM PARA O CONSOLO EM MEIO A AFLIÇÃO

Fundamental principles of Scripture on the nature of suffering: an approach to comfort in times of affliction

Lidiane Santana da Silva¹
Me. Paulo Henrique Pedrão²

RESUMO

O presente artigo aborda a temática do sofrimento com o objetivo de responder à seguinte questão: de que maneira os ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento contribuem para o consolo e quais as consequências da ausência desse ensinamento entre os que sofrem? Assim, este trabalho tem como objetivos: compreender, à luz da Bíblia, as razões pelas quais as pessoas sofrem; identificar posturas bíblicas que devem ser adotadas pelos cristãos diante do sofrimento; e apontar as possíveis consequências da falta de ensino bíblico sobre o tema para a igreja. A hipótese inicialmente adotada considerou que se na igreja há pessoas que não encontram consolo e não dispõem de condições de consolar, é por não haver o conhecimento necessário de Deus e do sofrimento a luz da Bíblia. Contudo as conclusões indicam que a obtenção de conhecimento bíblico sobre o sofrimento é complexa, pois nem sempre haverá respostas definitivas. No entanto, não buscar este conhecimento pode levar muitos a perderem a fé. Para além do conhecimento intelectual, há também uma necessidade de decisão de como o indivíduo vai lidar com a dor, o que envolve o aspecto emocional e seu grau de relacionamento com Deus.

Palavras-chave: Sofrimento. O problema do mal. Igreja. Desigrejados.

¹ Bacharelada em Teologia pela FABAPAR. E-mail para contato: lidsansilva@gmail.com

² Professor e Mestre em Teologia pela FABAPAR, possui graduação, pós-graduação e mestrado em Teologia pela FABAPAR e em Administração Pública pela FGV. E-mail para contato: professor.pedrao@fabapar.com.br

Aconselhamento.

ABSTRACT

The present article addresses the theme of suffering with the aim of answering the following question: how do biblical teachings on suffering contribute to comfort, and what are the consequences of the absence of this teaching among those who suffer? Thus, this work aims to understand, in light of the Bible, the reasons why people suffer; identify biblical attitudes that Christians should adopt in the face of suffering; and point out the possible consequences of the lack of biblical teaching on the subject for the church. The initial hypothesis considered that if there are people in the church who do not find comfort and are unable to console others, it is due to a lack of necessary knowledge about God and suffering as understood in the Bible. However, the conclusions indicate that gaining biblical knowledge about suffering is complex, as there will not always be definitive answers. Nevertheless, not seeking this knowledge can lead many to lose their faith. Beyond intellectual knowledge, there is also a need for individuals to decide how they will deal with pain, which involves emotional aspects and their level of relationship with God.

Keywords: Suffering. The problem of evil. Church. Churchless. Counseling.

INTRODUÇÃO

Discutir o sofrimento é uma tarefa complexa. Uma definição concisa revela suas nuances: “1. ato ou efeito de sofrer. 2. dor física. 3. grande dor moral. 4. angústia, aflição”³. O sofrimento levanta questões como: Existe Deus? Ele se importa? Por que o mal existe? É possível encontrar propósito no sofrimento? Essas indagações são frequentemente feitas por indivíduos em contextos de pandemia, pobreza e violência extrema, que buscam consolo. Nicodemus destaca que, historicamente, a avaliação da situação financeira e de saúde tem sido usada para medir o amor divino.⁴ Isso ressalta a importância de desenvolver uma teologia que forneça respostas mais profundas, conforme orientações de 1 Pedro 3.15⁵, que incentiva os cristãos a estarem preparados para explicar a razão de sua esperança.

A construção de respostas torna-se ainda mais desafiadora em uma sociedade pós-moderna, caracterizada por relacionamentos fragilizados e uma busca por soluções rápidas para questões complexas. Os sociólogos Zygmunt Bauman e Leonidas Donskis observam que se vive em uma sociedade líquida, onde o individualismo molda relações cada vez mais voláteis. Nas igrejas, essa volatilidade se manifesta na ascensão da teologia da prosperidade, que enfatiza mensagens de vitória.⁶ Ruppenthal Neto comenta que os pregadores atuais, muitas vezes, evitam confrontar práticas erradas e promovem um discurso que sugere que tudo é possível para o cristão.⁷ A falta de conhecimento bíblico, aliada a pregações questionáveis e a uma mentalidade positivista, contribui para o crescente movimento de desigrejados, identificado pelo Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE.⁸ Esses indivíduos se identificam como evangélicos, mas não pertencem a nenhuma igreja, representando 21,8% dos evangélicos no Brasil.

³ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8.ed. Curitiba: Positivo, 2010, p. 707.

⁴ NICODEMUS, Augustus. **O culto segundo Deus**: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 18.

⁵ A versão padrão, adotada por esta pesquisa, é a Nova Versão Transformadora (NVT).

⁶ BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido**: vivendo num mundo sem alternativas. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019, p. 4.

⁷ RUPPENTAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024, p. 11.

⁸ IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião: Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil... [S.l.] IBGE, 29 jun. 2012. Atualizado em 23 jun 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espiritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 10 out. 2024.

De acordo com Campos, trata-se de um movimento que sofre a influência do pós-modernismo, cujos frutos incluem, entre outros, “o relativismo, o pluralismo e a crise de pertencimento”.⁹

Além dos dados do IBGE, que também indicam um crescimento de 6,8% no número de evangélicos no país em comparação com o ano 2000, os relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS), como o “*Depression and Other Common Mental Disorders*”¹⁰, apontam o Brasil como líder mundial em ansiedade, com um percentual de 9,3% da população, o equivalente a 18.657.943 pessoas sofrendo de transtornos de ansiedade. Esse número deve ter aumentado, já que em um relatório mais recente, o “*World Mental Health Report*”¹¹, a OMS sinalizou que as taxas de depressão e ansiedade aumentaram em 25% no primeiro ano da pandemia de COVID-19, de forma global. Em 2 Coríntios 1.4, Paulo afirma que os cristãos em situação de tribulação são consolados por Cristo e, por isso, têm condições de consolar os que passam por tribulações. Paulo traz esse conhecimento no início de sua segunda carta aos Coríntios como forma de fortalecer os irmãos daquela igreja, uma prática que deve ser ensinada também nas comunidades de fé hoje.

Entretanto, se na igreja há pessoas que não encontram consolo e não conseguem consolar, a primeira hipótese que se levanta é há falta de conhecimento necessário sobre Deus e o sofrimento à luz da Bíblia. Portanto este estudo visa responder à pergunta: de que maneira os ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento contribuem para o consolo e quais as consequências da ausência desse ensinamento entre os que sofrem? Assim para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizada uma análise de conteúdo, que abrangeu livros e artigos científicos e de forma complementar, a pesquisa possui um caráter qualitativo, incluindo dados estatísticos.

1. DEUS, O SOFRIMENTO E O PROBLEMA DO MAL

O problema do mal é amplamente discutido e diversas abordagens tentam conceituá-lo. Agostinho define o mal como um processo de corrupção de algo que é corruptível, sugerindo que o ser humano é essencialmente bom e que o mal emerge da corrupção introduzida pelo pecado.¹² Sayão propõe uma divisão temática do mal em dois grupos: o mal moral, que se refere à injustiça, e o mal físico, que diz respeito ao sofrimento.¹³ Paul Siwek acrescenta que o mal pode ser compreendido como uma contrariedade em relação ao bem-estar esperado para o ser humano, sendo sua percepção variável entre indivíduos. Isso evidencia a dificuldade em estabelecer um conceito uniforme sobre o tema.¹⁴

No contexto da sociedade atual, a identificação do mal torna-se ainda mais complexa. Bauman e Donskiz descrevem o mal como algo que não se apresenta mais de forma amoral e que gera um sentimento de busca por justiça no final dos tempos. Ele se tornou “líquido”, mudando de aparência constantemente e muitas vezes se camuflando em consumismo exagerado, individualismo disfarçado de “busca pela felicidade”, exposição desenfreada nas mídias sociais que visa “massagear o ego” e busca por soluções instantâneas para problemas complexos.¹⁵

Embora o mal se manifeste de várias formas e seja difícil de conceituar, os seus efeitos no final sempre são sentidos e levam o ser humano a uma busca por explicações que de alguma forma possam lhe proporcionar consolo. Keller assevera que só é possível lidar com o sofrimento mediante a uma base de crenças, e se a pessoa acredita em um Deus todo-poderoso e todo amoroso isto pode se constituir um

⁹ CAMPOS, Idauro. **Desigrejados**: teoria, história e contradições do Nihilismo Eclesiástico. Rio de Janeiro: BV books, 2017, p. 248.

¹⁰ OMS. Organização Mundial de Saúde. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Genebra, 2017. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates> Acesso em: 12 out 2024, p. 18.

¹¹ OMS. Organização Mundial de Saúde. **World mental health report: Transforming mental health for all**. Genebra, 2022. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338> Acesso em: 05 out 2024, p. 39.

¹² HIPONA, Agostinho. **Confissões**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012, p. 225.

¹³ SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 15.

¹⁴ *Apud* SAYÃO, 2012, p. 15.

¹⁵ BAUMAN; DONSKIZ, 2019, p. 12.

problema a princípio, ao tentar conciliar estes atributos com a existência do mal,¹⁶ pois é neste momento em que os questionamentos do filósofo grego Epicuro (341-270 A.C) voltam à tona conforme registros preservados por Hume:

Você quer evitar o mal, mas não consegue? então, ele (Deus) é impotente. Você está qualificado, mas não quer isso? Então, (Deus) é malévolos. Você está disposto e é capaz? Então de onde vem o mal?¹⁷

Essa questão complexa, que envolve fundamentos da fé teísta, tem levado e ainda leva muitas pessoas à apostasia. Nas palavras do filósofo John L. Mackie citado por Madureira, “é um problema apenas para os que acreditam na existência de um Deus onipotente e totalmente bom”.¹⁸ Para tentar responder esta questão surge as teodiceias termo atribuído ao filósofo alemão Gottfried Wilhelm Leibniz que é a união das palavras gregas Theos (Deus) e dike (julgamento), que unidas denotam “julgamento de Deus”.¹⁹ Elas foram sendo criadas no decorrer da história com o objetivo de procurar justificar a existência de Deus em face da existência do mal.

Sayão, em seu livro “O Problema do Mal”, aponta cinco teodiceias.²⁰ A primeira é a Teodiceia do Livre-Arbítrio, que argumenta que o mal é uma consequência do uso inadequado do livre-arbítrio pelo ser humano, e que Deus permite o mal para fins que não compreendemos. A dificuldade dessa argumentação é a falta de distinção clara entre o mal moral (pecado) e o mal físico (catástrofes naturais). A segunda é a Teodiceia Pedagógica, que considera o sofrimento necessário para o amadurecimento humano, embora haja argumentos contrários, como o fato de que há coisas boas que não precisam ser precedidas de algo ruim para serem boas, e que alguns sofrimentos não produzem amadurecimento e não têm lições a ensinar, como em contextos de guerra.

A terceira é a Teodiceia Escatológica, que se baseia na esperança de ressurreição e de um reino vindouro, encontrando respostas no futuro. Muitos rejeitam essa abordagem, questionando que tipo de compensação poderia justificar a desgraça atual. A quarta é a Teodiceia Protelada, que é similar à escatológica, mas foca na compreensão do sofrimento no reino vindouro em vez de uma compensação. Finalmente, a Teodiceia de Comunhão não busca explicar o sofrimento, mas mudar a percepção sobre ele, considerando que sofrer por uma causa justa é agir conforme a vontade de Deus e torná-lo conhecido.

Como observou Sayão, as teodiceias oferecem diferentes perspectivas sobre o sofrimento, mas não conseguem explicar plenamente o problema do mal, e por isso muitos estudiosos consideravam impossível a existência do Deus todo poderoso e amoroso descrito na Bíblia.²¹ É quando surge na academia a partir de 1980 estudiosos como Craig e Plantinga. Eles vão trazer luz a este problema apresentado por Epicuro utilizando-se do campo da lógica, o princípio da não contradição, em que algo não pode ser verdadeiro e falso ao mesmo tempo sob as mesmas circunstâncias.²² Craig ao analisar a existência do mal versus a existência de Deus realiza a seguinte declaração:

À primeira vista, essas afirmações não são inconsistentes. Não há uma contradição explícita entre elas. Mas, se um ateu quer dizer que há alguma contradição implícita entre elas, ele deve presumir algumas premissas implícitas que serviriam para apresentar a contradição e torná-la explícita. No entanto quais são essas premissas?

Parece haver duas: (1) Se Deus é todo poderoso, então ele pode criar qualquer mundo que ele escolhe; (2) se Deus é todo bondoso, então ele preferiria um mundo sem o mal e não um

¹⁶ KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 109.

¹⁷ HUME, David. **Diálogos sobre religião natural**. ed. México, D.F: FCE - Fondo de Cultura Económica, 1979. 88 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/72057?page=66>. Acesso em: 17 set. 2024, p. 88.

¹⁸ MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017, p. 91.

¹⁹ MADUREIRA, 2017, p. 88.

²⁰ SAYÃO, 2012, p. 17-19.

²¹ SAYÃO, 2012, p. 19.

²² KELLER, 2016, p. 111.

mundo com o mal.²³

Afonso argumenta que a primeira premissa não é necessariamente verdadeira, pois Deus não poderia criar um mundo em que as pessoas livres são obrigadas a fazer escolhas.²⁴ Assim, a primeira premissa perde credibilidade, o que automaticamente afeta a segunda. Caso a segunda premissa fosse considerada isoladamente, ainda apresentaria problemas devido à falta de um consequente lógico, que seria Deus optar por não criar o mundo. Isso levaria a outra análise, onde a premissa pode ser falsa ou a existência de Deus pode ser questionada. No entanto, o universo tem uma causa e não surgiu do nada.

Com esta mesma base de raciocínio Plantinga argumenta que “a existência do mal não é logicamente incompatível (mesmo num sentido lógico mais amplo) com a existência de um Deus onipotente, onisciente e perfeitamente bom”.²⁵ Plantinga faz diferença entre a teodiceia e a defesa da existência de Deus, em seu livro *“God, Freedom, and Evil”*²⁶ onde a primeira tenta explicar os motivos de Deus para a existência do mal, com o objetivo de levar seus ouvintes a aceitarem esta argumentação, movimento este que estaria associado a uma visão de que Deus existe para fazer o homem feliz.

Já a defesa mostra que a existência do mal não é prova contra a existência de Deus, e um exemplo dessa defesa é a permissão do sofrimento em busca do bem, semelhante ao tratamento doloroso feito por um médico com o objetivo de cura. Nietzsche afirmava: “O que não me mata torna-me mais forte”.²⁷ Esta mesma linha de raciocínio é também compreendida por Agostinho em Confissões, quando ao retratar sua infância percebe Deus usando a coação dos pais para que estudasse como forma de corrigi-lo, porém naquele momento só os via como sendo maus para com ele.²⁸

Desta maneira, pode-se inferir que não há contradição na crença cristã, mas sim uma “antinomia”, conforme afirma Packer.²⁹ A dificuldade em compreender como as três proposições levantadas séculos atrás por Epicuro funcionam é a limitação humana de entender este processo de coexistência, o que é diferente de uma contradição em que uma proposição tem a capacidade de anular a outra. Portanto se Deus é infinitamente mais poderoso do que nós mortais limitados, Ele também possui infinitamente mais conhecimento para permitir a existência do mal, o fato de não termos capacidade de compreender algo não significa que Deus também não o tenha, pensar desta forma é se colocar no mesmo patamar de Deus, esta limitação deveria gerar um sentimento de dependência de Deus.³⁰

No entanto quem realiza este tipo de questionamento, não o faz por questões filosóficas, na maioria das vezes são por questões sentimentais, movidos pela angústia. Keller afirma que aqueles que tem sua fé enfraquecida no momento de sofrimento, é por ter um pressuposto moral de que Deus deixou de agir de forma correta e por isso o mal veio a atingi-los. Isso é expresso muitas vezes através da frase: “Não acredito num Deus que permite uma coisa dessas”.³¹ Abraham Heschel declara “que o mal não é o problema fundamental do ser humano, mas sim a sua relação com Deus”.³²

E refletir sobre o mal em uma sociedade que luta hoje para manter sua capacidade cognitiva é algo ainda mais desafiador, sem o qual é inviável compreender estas reflexões e pensar no consolo. A sociedade pós-moderna vive em um ritmo cada vez mais acelerado em que o volume de informações é infinitamente

²³ CRAIG, Willian Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida Nova, 2010, p. 81.

²⁴ AFONSO, Marcelo Santiago de Moraes. A experiência do Sofrimento e do Mal no mundo nega a existência de Deus? **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, v.12, n.1, p. 84-90, jun. 2023, p. 88-89.

²⁵ PLANTINGA, Alvin. **Knowledge and Christian Belief**. Michigan: Eerdmans, 2015, p. 129.

²⁶ PLANTINGA, Alvin. **God, Freedom, and Evil**. Michigan: Eerdmans, 1989, p. 9-29.

²⁷ NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. [S. l.]: Simplíssimo, 2022. 90 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/257935?page=5>. Recuperado de: 17 set. 2024, p.5.

²⁸ HIPONA, 2012, p. 67.

²⁹ *Apud* MADUREIRA, 2017, p. 132.

³⁰ KELLER, 2016, p. 122.

³¹ KELLER, 2016, p. 130.

³² *Apud* SAYÃO, 2012, p. 34.

maior do que um indivíduo tem condições de consumir.

Bauman e Donskiz afirmam que as mídias estão em um formato que destrói o nível de atenção de seus usuários com seus vídeos de 7 a 15 segundos, e que acabam com a memória e sensibilidade da população, que tem perdido com isso a capacidade de analisar criticamente a si e ao mundo ao seu redor em um repertório que “tem treinado seus espectadores a assistirem sem compreender e a ouvirem sem avaliar; a consumirem informação sem pretender ou esperar encontrar seu significado, suas causas ou consequências”.³³ A maioria das notícias tratam de violência e desastres, que o mal pode ser observado nos mais diversos locais do mundo.

O filósofo e teólogo Byung-Chul Han afirma que cada período da história possui uma enfermidade que a castiga e o século XXI tem seu início marcado por doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB).³⁴ Refletindo uma sociedade onde as definições claras do passado foram substituídas por relativismo, afetando a compreensão do mal e de Deus. Han reflete sobre como a exposição nas redes sociais transforma as pessoas em mercadorias, destruindo assim as relações com o outro.³⁵

O que é possível compreender neste momento é que o abandono da fé e a descrença em Deus não resolve o problema do mal, como afirmou Martin Luther King Jr.³⁶ se não houvesse uma lei definindo a justiça não haveria também como determinar o que é injusto, e o mal seria algo natural. De acordo com Lewis, a dificuldade em conciliar a existência de um Deus amoroso com o sofrimento, reside na falta de compreensão da palavra amor, que tem a capacidade de perdoar as faltas, porém isso não anula o desejo de que elas sejam extraídas.³⁷ O autor ainda declara: “O grande espírito que você invocou tão levemente, o “Senhor de aspecto terrível”, está presente: não uma benevolência senil que de modo sonolento deseja que você seja feliz de seu próprio modo”.³⁸

Assim, ao refletir sobre o problema do mal e a existência de um Deus todo-poderoso e todo-amoroso, pode-se concluir que a existência de um não anula o outro. A questão refere-se mais à relação e percepção individual de Deus do que à sua existência objetiva. Sem desconsiderar as limitações humanas na compreensão plena de Deus, a Bíblia oferece uma visão sobre como o pecado age como combustível para o mal, Agostinho afirmou que este leva o homem a hábitos violentos que os prendem por terem inicialmente se deixado levar pela vontade.³⁹

É só através da condução do Espírito Santo por meio dos ensinamentos bíblicos que se pode vencer um cenário tão caótico e desestimulante. Como bem relembra Madureira, o apontamento de Tomas de Aquino, “a crença do cristão em um Deus bondoso e onipotente não é fruto de pura inteligência, mas sobretudo da ação interna do Espírito”.⁴⁰ É possível a um cristão passar pela fornalha do sofrimento, ao se deparar com os princípios fundamentais existentes nas escrituras, aspecto este que será tratado na próxima sessão.

2. O QUE A BÍBLIA ENSINA SOBRE O SOFRIMENTO?

O Salmo 30.5b declara: “o choro pode durar toda a noite, mas a alegria vem com o amanhecer”. Piper e Taylor ponderam que esta noite muitas vezes pode ser longa, tornando indispensável uma sólida

³³ BAUMAN; DONSKIZ, 2019, p. 54.

³⁴ HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019, p. 7.

³⁵ HAN, 2019, p. 67.

³⁶ KING JR, Martin Luther. **Letters to a Birmingham Jail: A response to the words and dreams of Dr. Martins Luther King Jr.** Editado por Bryan Loritts. Editora: Moody, 2013. E-book, p. 23.

³⁷ LEWIS, C. S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 59.

³⁸ LEWIS, 2021, p. 57.

³⁹ HIPONA, 2012, p. 270.

⁴⁰ MADUREIRA, 2017, p. 93.

teologia para atravessá-la.⁴¹ A Bíblia em Romanos 3.23, afirma que, em decorrência do pecado, todos carecem da glória de Deus. Nos primeiros capítulos de Gênesis, há o relato de Deus criando o mundo com planejamento e essencialmente bom, mas esse cenário muda a partir do capítulo 3, com a entrada do pecado no mundo. Keller assevera que no instante em que o homem deixou de servir a Deus para servir a si mesmo, o mundo se tornou imperfeito.⁴² Com esse afastamento, o homem se torna autocentrado e, conforme destaca Lewis, é a partir daí que orgulho, ambição, inveja, o desejo de ser amável a seus próprios olhos e de deprimir e humilhar todos os outros, passaram a ser as atitudes mais comuns.⁴³ Como resultado, o homem deve assumir algumas das responsabilidades por esses males.⁴⁴

Neste contexto, o mal ganha espaço e o sofrimento surge, trazendo juízo e a possibilidade de arrependimento. Kierkegaard afirma que o arrependimento só é possível ao sujeito que vivencia o desespero e compreende sua condição.⁴⁵ O sofrimento pode revelar que o maior inimigo de uma pessoa pode ser ela mesma, como bem descrito pelo apóstolo Paulo em Romanos 7.19 “Quero fazer o bem, mas não faço. Não quero fazer o que é errado, mas, ainda assim, o faço”. Piper e Taylor, afirmam que o sofrimento pode revelar o pior que há dentro de uma pessoa e é nesse momento que Deus trabalha no indivíduo (Sl 119.67).⁴⁶ Já Madureira assegura que rupturas e sofrimentos são escolhas necessárias, aos que querem obedecer ao Senhor, pois a obediência é um ataque ao desejo natural (Gl 5.17; Jr 4.22).⁴⁷

Sayão infere que a autorização divina para ocorrência do mal informa algo da parte de Deus, levando o indivíduo a percepção do sagrado.⁴⁸ Kierkegaard reforça a necessidade da revelação divina para que o homem tome ciência do pecado, “mostrando-lhe que ele não está em não compreender o justo, mas em não querer compreendê-lo, em não querer o justo”.⁴⁹ Essa compreensão entre o que é justo e a recusa em agir com justiça pode ser exemplificada pelo livro de Oséias, especialmente no capítulo 8, que retrata Deus trazendo juízo sobre o povo de Israel por cair no pecado da idolatria, com o objetivo de levá-los ao arrependimento (Os 14.1s). Encarar o sofrimento como um mecanismo para gerar arrependimento e reconciliação com o divino pode fazer com que o indivíduo o veja como algo positivo a ser buscado. No entanto, Lewis contesta essa ideia, afirmando que o sofrimento em si não é bom; o que é bom é a submissão à vontade de Deus e os atos de misericórdia gerados por um indivíduo que sofre e se arrepende ao ser confrontado.⁵⁰

Mas o que dizer dos casos de injustiça? Rutledge, afirma que a negligência de grupos vulneráveis recebe atenção significativa dos escritores bíblicos, que vão das acusações de Amós às atitudes de mulheres ricas de seu tempo (Am 4.1), ao pranto de Jesus em sua profecia sobre Jerusalém (Lc 13.34) até a exortação de Tiago a uma igreja local (Tg 2.2-8).⁵¹ Esses exemplos de textos que abordam a injustiça denunciam que algo não está certo e conclamam seus ouvintes à mudança. Martin Luther King Jr. em “Cartas de uma prisão de Birmingham”, ao refletir sobre o rótulo de extremista que recebeu de alguns críticos, recorre às escrituras e, ao encontrar consolo, escreve:

Não foi Jesus um extremista por amor: “Ame seus inimigos, abençoe os que o amaldiçoam, faça o bem aos que o odeiam e ore por aqueles que o maltratam e perseguem.” Não foi Amós um extremista por justiça: “Que a justiça role como as águas e a retidão como um ribeiro sempre crescente.” [...] Portanto, a questão não é se seremos extremistas, mas que tipo de

⁴¹ PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Sofrimento e a soberania de Deus**: confiança e conforto para o cristão. Tradução de Heloísa Cavallari. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, p. 174.

⁴² KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. Tradução de Regina Lyra. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 197.

⁴³ LEWIS, 2021, p. 102.

⁴⁴ CRAIG, 2010, p. 105.

⁴⁵ KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo: Lebooks, 2021. E-book, p. 79.

⁴⁶ PIPER; TAYLOR, 2018, p. 159.

⁴⁷ MADUREIRA, 2017, p. 122.

⁴⁸ SAYÃO, 2012, p. 76.

⁴⁹ KIERKEGAARD, 2021, p. 120.

⁵⁰ LEWIS, 2021, p. 139.

⁵¹ RUTLEDGE, Fleming. **A crucificação**: entendendo a morte de Jesus Cristo. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023, p. 80.

extremistas seremos. Seremos extremistas por ódio ou por amor? Seremos extremistas pela preservação da injustiça ou pela extensão da justiça? [...] Jesus Cristo, foi um extremista por amor, verdade e bondade, e assim se elevou acima de seu ambiente. Talvez o Sul, a nação e o mundo estejam em urgente necessidade de extremistas criativos.⁵²

É possível observar, pelos exemplos acima, que situações de injustiça podem despertar os indivíduos a tomar atitudes que visem combatê-la, mesmo que a princípio isso acarrete um acréscimo de sofrimento. Keller argumenta que pessoas que perderam entes queridos batalham pela alteração de leis e pela promoção de mudanças sociais, pois creem que a injustiça deve ser reverter em uma justiça superior ao mal que seus familiares sofreram, como forma de trazer consolo. Por outro lado, o mal advindo da injustiça pode gerar um efeito oposto no indivíduo que sofre: a apatia.⁵³ A filósofa e escritora francesa Simone Weil descreve que em casos de infortúnio, este tem o poder de gerar no indivíduo um estado de endurecimento e desespero no fundo da alma. Essa angústia pode se intensificar caso se acredite na teologia da retribuição.⁵⁴ Madureira aponta que essa foi a luta de Jó, que questionou a teologia que assegurava que Deus cobre de bençãos os bons e de castigos os maus.⁵⁵

Costa explica que as ideias de riqueza e felicidade plena estavam associadas à aprovação de Deus de acordo com a sabedoria da época.⁵⁶ No entanto, a história de Jó desconstrói essa sabedoria, tornando a leitura deste livro difícil, segundo Martins, pois é complicado ver Deus permitindo que o sofrimento atinja Seus filhos.⁵⁷ No capítulo 1, versículos 9 a 11, há o argumento de Satanás, que, atuando como opositor, questiona se a integridade de Jó se manteria se lhe fossem retirados seus bens, família e saúde. Segundo Costa, essa questão visa colocar “em cheque” o relacionamento de Jó com Deus. Ao receber permissão divina, Satanás começa a afetar tudo o que Jó possuía, tirando-lhe os bens, matando seus filhos e destruindo sua saúde. Contudo, Jó permanece fiel a Deus e o adora.⁵⁸ Martins conclui que Jó teve a capacidade de adorar em meio à dor, pois compreendeu que o que possuía não era seu, mas do Senhor (Jó 1.21).⁵⁹

O autor destaca o contraste entre céu e terra, pois enquanto no ambiente celestial Jó é declarado justo, na terra sua esposa declara que não vale a pena ser íntegro, e seus amigos julgam que sua situação resulta de pecado. Martins reflete que nem sempre as pessoas próximas serão fonte de consolo; muitas vezes, podem ser usadas por Satanás para trazer mais sofrimento.⁶⁰ Já Nascimento, ao pensar nas atitudes dos amigos de Jó, percebe que muitas vezes é mais importante está disposto a ouvir o que sofre, do que tentar exortá-lo por suas palavras uma vez que a resposta que a pessoa procura pode não vir nem mesmo da parte de Deus.⁶¹

Isso demonstra que o importante é a atitude do indivíduo em relação a Deus e não a obtenção de todas as respostas. Em outros livros bíblicos, essa ausência de compreensão do porquê do mal também se manifesta. Sayão destaca que, no livro de Habacuque, o profeta também não obteve todas as respostas, permanecendo, em parte, um mistério a relação de Deus com o mal, devido ao fato de o homem não possuir pleno conhecimento de Deus.⁶² Ryken, ao realizar um estudo expositivo sobre o livro de Eclesiastes, observa que o autor convida o leitor a confrontar os questionamentos da vida. Nesse processo, embora o

⁵² KING JR, 2013, p. 29.

⁵³ KELLER, 2015, p. 50.

⁵⁴ WEIL, Simone. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 janeiro a 26 de janeiro de maio de 1942. Tradução de Karin Andrea de Guise. Rio de Janeiro, 2019, p. 73.

⁵⁵ MADUREIRA, 2017, p. 96.

⁵⁶ COSTA, Flávia Luíza Gomes. O Livro de Jó: uma catequese para um povo fracassado em sua esperança. **Revista de Cultura Teológica**, v.19, n.73, p.129-147, jan/mar, 2011, p. 136.

⁵⁷ MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo**: reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10. Rio de Janeiro, 2023, p. 16.

⁵⁸ COSTA, 2011, p. 137.

⁵⁹ MARTINS, 2023, p. 44.

⁶⁰ MARTINS, 2023, p. 76.

⁶¹ NASCIMENTO, Lucas Merlo. Jó: uma abordagem para a Pastoral. **Revista Batista Pioneira**. Rio Grande do Sul, v.12, n.2, p 97-106, dez. 2023, p. 104.

⁶² SAYÃO, 2012, p. 104.

leitor não obtenha todas as respostas, aprende a confiar em Deus. Além disso, Ryken afirma, com base no capítulo 8, versículo 17, que o sábio chega à conclusão de que a vida é desgastante e que “é impossível saber com certeza o que Deus está fazendo no mundo”.⁶³ Caso surja alguém que sustente uma posição contrária a essa afirmação, conclui-se que essa pessoa estaria mentindo.

Nada foge do controle de Deus, como sabiamente afirma o salmista no Salmo 139. Keller apresenta outros atributos de Deus que, além de consoladores, devem trazer confiança para aqueles que sofrem. O autor o destaca como soberano e livre (Sl 115.3), que não pode mentir nem quebrar uma promessa (Nm 23.19; Tt 1.2), que não tenta ninguém (Tg 1.13), e nem nega ou contradiz Seu caráter totalmente justo e santo (2Tm 2.13; 1Pe 1.16).⁶⁴ Nicodemus infere que, nos momentos de sofrimento, o cristão aprende a orar, esperar e resignar-se diante de Deus, além de valorizar a paz, a saúde e a alegria, que ficam esquecidas quando tudo está bem. Outro aspecto importante ressaltado pelo autor é que o indivíduo que enfrenta o sofrimento mantendo sua confiança em Deus torna-se capacitado para ensinar aos outros como lidar com essas situações.⁶⁵

O patriarca Abraão, em Gênesis 22, ao atender ao chamado de Deus para sacrificar seu filho Isaque, torna-se um exemplo de fé e confiança em um momento de provação. Bonhoeffer vê este episódio como um processo de rompimento em que Abraão teria condições de compreender que a promessa dependia exclusivamente de Deus e não de seu filho Isaque.⁶⁶ Para Agostinho, quando o Anjo interrompe o sacrifício e declara no versículo 12: “Não lhe faça mal algum. Agora sei que você teme a Deus de fato”, é esclarecido que não se tratava de algo que Deus não sabia, mas sim de revelar ao patriarca até que ponto a obediência de Abraão iria.⁶⁷ O que se pode inferir com os casos apresentados é que o sofrimento pode levar uma pessoa ao amadurecimento. Keller escreve que “muitas pessoas são obrigadas a admitir que a maior parte do que realmente precisavam para alcançar o sucesso na vida lhes chegou por meio das experiências mais difíceis e dolorosas”.⁶⁸

Spurgeon em um de seus sermões afirmou que a maior parte dos homens vê sua fé crescer em momentos de dificuldade e não em dias felizes e ensolarados.⁶⁹ Bibb afirma que Jesus não morreu para que as pessoas se sentissem bem, salvas e livres de frustrações e decepções, mas para serem salvas e servas, livres de seus pecados.⁷⁰ Craig afirma que o propósito da vida não é a felicidade, mas sim a busca pelo conhecimento de Deus, e que o ser humano está em constante rebelião por sua falta de conhecimento do Criador. Traz como exemplo a figura do apóstolo Paulo, que impressiona por sua resiliência diante de tantas adversidades, fato possível por sua compreensão profunda da glória de Deus (2Co 4.16-18), que é tão grandiosa que não pode ser comparada com os sofrimentos terrenos.⁷¹

Entretanto, de todos os sofrimentos mencionados nos textos bíblicos, nada se compara ao sofrimento de Cristo na cruz, como expressa Nicodemus: “Na cruz, Cristo sofreu literalmente o inferno por nós”.⁷² Rutledge lembra que a crucificação, como meio de execução, tinha como objetivo desumanizar sua vítima de forma sistemática.⁷³ Ao pensar no clamor de Jesus na cruz, Piper e Taylor afirmam que essa

⁶³ RYKEN, Philip Graham. **Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes**. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2017, p. 308.

⁶⁴ KELLER, 2016, p. 116.

⁶⁵ NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender. São Paulo: Mundo Cristão, 2017, p. 86.

⁶⁶ BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016, p. 74.

⁶⁷ HIPONA, Agostinho. **A Cidade de Deus**: Parte II (Livros XI a XXII). Petrópolis: Vozes, 2017. 734 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206461?page=320>. Acesso em: 26 set. 2024, p.734.

⁶⁸ KELLER, 2015, p. 43.

⁶⁹ SPURGEON, Charles Haddon. **Lições para os de pouca fé**. São Paulo: Legado dos Reformadores, 2023. E-book, p. 30.

⁷⁰ BIBB, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021, p. 32.

⁷¹ CRAIG, 2010, p. 93.

⁷² NICODEMUS, 2017, p. 87.

⁷³ RUTLEDGE, 2023, p. 65.

não era apenas uma expressão emocional, mas também uma referência ao Salmo 22, que leva a alusão ao sofrimento e esperança que é encontrada em Jesus Cristo.⁷⁴ Keller assevera que só o cristianismo afirma que Deus se tornou homem na pessoa de Jesus Cristo e experimentou “desespero, rejeição, solidão, pobreza, perda, tortura e prisão” para remir os pecados da humanidade e para que um dia o mal e o sofrimento desapareçam, conforme descrito em Apocalipse 21.3s.⁷⁵ Rutledge descreve que para os que sofrem é reconfortante conhecer a promessa que existe no livro de Apocalipse, que atesta de forma esplendida que todo o mal será destruído.⁷⁶

Por outro lado, para aqueles que não aceitam a mensagem da cruz, Spurgeon alerta: “Sem fé, é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). Se você não colocou sua confiança em Cristo, então Deus está zangado com você todos os dias.⁷⁷ “Se o homem não se converter, afiará Deus a sua espada; já armou o arco, tem-no pronto” (Sl 7.12). Bibó enfatiza a necessidade de maturidade para compreender o que Jesus disse em Mateus 7.21-23, que apenas entrarão no reino dos céus aqueles que realmente fazem a vontade de Deus, vontade esta que é revelada através do estudo das Escrituras, que em grande parte é promovido ou pelo menos deveria ser pelas igrejas, o que nos leva a próxima sessão deste artigo.⁷⁸

3. A IGREJA HOJE E O ENSINO A RESPEITO DO SOFRIMENTO

No Novo Testamento, a palavra utilizada para igreja é “ekklesia”, que significa “chamada para fora”. De acordo com Lidório, esse significado remete a uma comunidade dinâmica enviada em missão. O autor ainda destaca que o termo aparece para referir-se à igreja local (1Co 1.2; Fm 2), ao conjunto das igrejas em uma região (Gl 1.2) e à igreja como um todo (Mt 16.18).⁷⁹ Campos observa o apreço de Deus pela comunidade tanto no Antigo como no Novo Testamento, evidenciado pela relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo desde a criação (Gn 1.2; Jo 1.2s) até a redenção da humanidade (Lc 1.26-35).⁸⁰

Bonhoeffer afirma que um cristão precisa de outro, pois é escolhido por meio da pessoa de Cristo, que mantém a unidade do corpo.⁸¹ Campos recorda que Deus orienta seu relacionamento com o povo na entrega dos Dez Mandamentos e nas leis civis, que regulam as interações entre os membros da comunidade. Com estas afirmações e referências bíblicas, é possível identificar as expressões institucionais como facilitadoras no processo de aprendizado e desenvolvimento do relacionamento com Deus e com o próximo. Quanto à mensagem que a comunidade deve proclamar e viver, ela é apresentada por Jesus na Grande Comissão (Mt 28.18-20) e refere-se à proclamação do evangelho.⁸² De acordo com Bauman e Donskiz a mensagem é que somos todos pecadores, ou, em termos seculares, todos culpados, o que remete ao texto de Isaías 64.6a: “estamos todos impuros por causa do nosso pecado; quando mostramos nossos atos de justiça, não passam de trapos imundos”.⁸³

Bibó destaca que, além da compreensão de que somos todos pecadores, o “Evangelho é Deus em direção à criação, com mãos cheias de sangue, trocando a coroa pela cruz!”⁸⁴ e Rutledge reflete que tanto o Credo dos Apóstolos quanto o Credo de Nicéia não enfatizam as curas e ensinamentos de Jesus, mas, de forma extraordinária, falam de seu sofrimento: “Nascido da virgem Maria, sofreu sob Pôncio Pilatos, foi

⁷⁴ PIPER; TAYLOR, 2018, p. 187.

⁷⁵ KELLER, 2015, p. 49.

⁷⁶ RUTLEDGE, 2023, p. 83.

⁷⁷ SPURGEON, 2023, p. 41.

⁷⁸ BIBO, 2021, p. 68.

⁷⁹ LIDÓRIO, Ronaldo. **Plantando igrejas**. [S. l.]: Cultura Cristã, 2019. 277 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/259122?page=15>. Acesso em: 06 out. 2024, p. 15.

⁸⁰ CAMPOS, 2017, p. 194.

⁸¹ BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. Tradução de Vilson Scholz. São Paulo: Mundo Cristão, 2022, p. 15.

⁸² CAMPOS, 2017, p. 198.

⁸³ BAUMAN; DONSKIZ, 2019, p. 41.

⁸⁴ BIBO, 2021, p. 93.

crucificado, morto e sepultado”, o que remete ao homem de dores de Isaías 53.8.⁸⁵ Keller afirma que Deus destrói o mal por meio da cruz; portanto, o sofrimento está no cerne da fé cristã, já que a dor que Ele sofreu foi plena de propósito.⁸⁶

Martins, ao analisar as escrituras, compreende que o cristianismo não torna a vida do indivíduo mais fácil, e que suas dificuldades podem aumentar ao frequentar a igreja, pois o fiel será confrontado com os ensinamentos acerca do pecado e deve abandonar vícios, não se satisfazendo com luxúria, murmuração ou ira. O indivíduo trava uma luta contra si próprio, como bem afirmou o apóstolo Paulo em Gálatas 5.⁸⁷ Keller observa que, para os críticos do cristianismo, esta é uma religião desagregadora, uma vez que exige crenças específicas de seus membros.⁸⁸ Já Nicodemus avalia que, mesmo diante das pressões, a igreja deve insistir em preservar as verdades trazidas pelo ensino bíblico, pois é essa palavra que livra muitos do caminho da iniquidade. No entanto, nem todas as igrejas mantêm a centralidade no ensino das Escrituras.⁸⁹ Piper e Taylor notam que algumas igrejas não têm investido no aprofundamento da palavra, “diante do peso avassalador e da seriedade da Bíblia”, optam por uma versão mais leve e voltada ao entretenimento, o que as torna irrelevantes em relação ao mal e ao sofrimento.⁹⁰

Essas igrejas se encaixam no perfil de determinados indivíduos que anseiam por auxílio em momentos de aflição. Contudo, conforme descreve Kierkegaard, é um indivíduo que sofre e deseja ser auxiliado à sua maneira. Assim, o consolo é celebrado quando ocorre de acordo com sua vontade; no entanto, essa celebração se esvai quando envolve a obrigação de ceder e renunciar ante ao próximo ou ao divino, levando muitas vezes o indivíduo a preferir manter-se na situação em que se encontra.⁹¹ É neste contexto de desejo por satisfação de anseios humanos que surge, como bem descreve Nicodemus, a teologia da prosperidade, que ensina que Deus deseja ver o indivíduo “rico, próspero, bonito, saudável, que esteja sempre em primeiro lugar, que não lhe falte nada”.⁹² Nesta teologia, conforme destaca o autor, o cristão é orientado ao materialismo e ao egoísmo.

Todavia, é importante ressaltar que ao cristão não há aqui uma orientação para que busque uma vida de sofrimento por si só. Conforme destaca Rutledge, é responsabilidade do cristão aliviar a dor do outro e não evitar o sofrimento quando este ocorre por causa do amor ou da justiça (Mt 5.10), alicerçados no exemplo de Cristo na cruz.⁹³ Por isso, Nicodemus alerta que o erro da teologia da prosperidade é ensinar que o indivíduo tem aprovação de Deus se possui prosperidade financeira, o que, conforme já exposto na segunda seção deste artigo, não tem base bíblica.⁹⁴ Ruppenthal Neto apresenta que essa mensagem positivista leva à autoagressão, pois, se o indivíduo pode tudo e não consegue, é levado a questionar se “não tem fé suficiente, ou está em pecado, ou então não é um dos escolhidos”.⁹⁵

Esse tipo de teologia tem contribuído para o crescimento do grupo dos desigrejados. Campos descreve que são pessoas que deixaram de congregar em uma igreja e passaram a criticá-la por motivos que vão da decepção com as promessas não cumpridas proferidas em nome de Deus até a aversão aos maus comportamentos de líderes e às práticas e ensinamentos questionáveis, incluindo também aqueles que compreendem que a institucionalização da igreja traz prejuízos à fé.⁹⁶ Esse grupo chamou a atenção pela

⁸⁵ RUTLEDGE, 2023, p. 47.

⁸⁶ KELLER, 2016, p. 202.

⁸⁷ MARTINS, 2023, p. 111.

⁸⁸ KELLER, 2015, p. 58.

⁸⁹ NICODEMUS, 2012, p. 58.

⁹⁰ PIPER; TAYLOR, 2018, p. 14.

⁹¹ KIERKEGAARD, 2021, p. 93.

⁹² NICODEMUS, 2017, p. 94.

⁹³ RUTLEDGE, 2023, p. 44.

⁹⁴ NICODEMUS, 2012, p. 104.

⁹⁵ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 12.

⁹⁶ CAMPOS, 2017, p. 26.

primeira vez no censo de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.⁹⁷ Isso porque durante o censo, observou-se um crescimento exponencial do número de evangélicos no país de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010, sendo que este grupo é composto por: “60,0% eram de origem pentecostal, 18,5% evangélicos de missão e 21,8%, evangélicos não determinados”, o último grupo corresponde a 4,83% da população brasileira e ficou popularmente conhecido pelo neologismo de desigrejados.

No que se refere à teologia da prosperidade, ela tem como base uma compreensão em nosso entendimento equivocada e até mesmo distorcida de textos bíblicos, como, por exemplo, Filipenses 4.13, utilizado por pregadores da prosperidade para ensinar que os fiéis “podem” ter tudo o que quiserem por serem de Cristo. Porém, como bem orienta Ruppenthal Neto, o autor desta carta não se refere à obtenção de bens ou sucesso, mas sim à capacidade de passar por qualquer situação, seja de aflição ou alegria, por estar submisso à vontade de Deus, o que é facilmente compreendido em uma leitura completa do texto.⁹⁸ Outro exemplo é apresentado por Nicodemus em relação ao texto de Malaquias 3.10, que teólogos da prosperidade aplicam afirmando que, para serem prósperos e abençoados, os fiéis devem dar o dízimo. Contudo, como o autor destaca, não é isso que o texto ensina, pois não se trata de barganhar com Deus, mas de um chamado à obediência e a uma vida de retidão, conforme descrito no versículo 7; caso contrário, não importará o quanto a pessoa oferece.⁹⁹

Contudo, não se pode afirmar que igrejas que não praticam a teologia da prosperidade sejam perfeitas ou que não tenham desigrejados que saíram de seu meio. Conforme destaca Ruppenthal Neto, a igreja é composta por pessoas falhas e existe para que essas pessoas possam melhorar em seus relacionamentos durante o processo de ajuda mútua, a partir da visão de um Deus que é perfeito.¹⁰⁰ Bonhoeffer destaca que, a partir do desenvolvimento da comunhão cristã, o sujeito é levado a experimentar decepções em relação ao outro e a si mesmo. O que ainda de acordo com o autor é importante, pois, ao passar por decepções, o indivíduo tem a oportunidade de desfazer visões idealizadas que geram altivez e o levam a exigir de si e do outro a materialização do que idealizou: “esse indivíduo aparece em meio à comunhão dos cristãos como alguém que faz exigências. Promulga uma lei própria e de acordo com ela julga os irmãos e o próprio Deus”.¹⁰¹

Campos relembra que as cartas de Paulo foram escritas para tratar de problemas enfrentados pelas igrejas, que, nesse contexto comunitário, lidaram com “desordem litúrgica e imoralidade (Corinto), heresia (Colossos), legalismo (Galácia) e agitação escatológica (Tessalônica)”. Esses problemas traziam consigo situações de desconforto e sofrimento no seio da comunidade, mas também geravam oportunidades de atuação segundo as orientações do apóstolo Paulo, como exemplificado em Colossenses 3.13, Efésios 4.2 e Gálatas 6.1.¹⁰² Bonhoeffer, refletindo sobre esses versículos, declara: “assim como Cristo nos carregou e nos aceitou como pecadores, podemos, na sua comunhão, carregar e aceitar pecadores na comunidade de Jesus Cristo, por meio do perdão dos pecados”.¹⁰³

Ainda Ruppenthal Neto, com base em Mateus 16.24, afirma que os cristãos são convidados a negar-se a si mesmos por amor a Deus e ao próximo.¹⁰⁴ Bibó assevera que a vida com Cristo envolve a morte do ego, para viver uma nova vida com significado (Ec 12.13).¹⁰⁵ Madureira, ao analisar os lamentos nos salmos e de Jesus, percebe que esses não são compostos de blasfêmias e reclamações contra Deus, mas apresentados com amor, fé e adoração, nos quais o indivíduo reconhece o Senhor como seu Deus e expressa

⁹⁷ IBGE, 2023, não paginado.

⁹⁸ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 12.

⁹⁹ NICODEMUS, 2012, p. 100.

¹⁰⁰ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 23.

¹⁰¹ BONHOEFFER, 2022, p. 21.

¹⁰² CAMPOS, 2017, p. 242.

¹⁰³ BONHOEFFER, 2022, p. 98.

¹⁰⁴ RUPPENTHAL NETO, 2024, p. 18.

¹⁰⁵ BIBO, 2021, p. 34.

seu sentimento de abandono.¹⁰⁶ Martins, ao considerar o exemplo de Jó, afirma que “o crente maduro, muitas vezes, vai chorar, sofrer, pensar em morrer, querer nunca ter existido, e nem por isso deixará de ser um crente maduro”.¹⁰⁷

Nicodemus lembra que não é pecado questionar a Deus quando as coisas não vão bem; o problema está na forma como esse questionamento é realizado. O autor percebe que as pessoas, assim como o povo de Israel no tempo do profeta Malaquias, não querem realmente saber de Deus ou do evangelho e, por isso, levantam questionamentos como obstáculos que, em grande parte, visam manter escondidos os motivos pelos quais não se submetem a Deus.¹⁰⁸ Keller observa que as críticas frequentemente feitas à igreja surgem da autocritica do cristianismo, baseadas em erros e/ou omissões na aplicação correta das verdades bíblicas.¹⁰⁹

Em Mateus 13.52, Jesus afirma: “Todo mestre da lei que se torna discípulo no reino dos céus é como o dono de uma casa que tira do seu tesouro verdades preciosas tanto novas quanto velhas”. Aqui, trata-se do conhecimento da lei e de seu compartilhamento, que é possível no ambiente de comunhão. Contudo, longe de ser uma atitude meramente humana, essa ação é direcionada pelo Espírito Santo, conforme ressalta Campos, ao observar a aplicação dos dons ministeriais na igreja, exercida de acordo com a distribuição feita pelo Espírito Santo (1Co 12.4-31 e Ef 4.11). Esse Espírito concede sabedoria (1Jo 2.27 e 1Co 2) para que os fiéis possam atuar como os bereanos de Atos 17, que ouviam a pregação de Paulo e confrontavam seus ensinamentos com as escrituras.¹¹⁰ Essa atitude é necessária ainda hoje para discernir se a igreja à qual o indivíduo pertence apresenta um ensino correto das escrituras, o que nos leva a algumas reflexões finais acerca deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mal, longe de ser um fenômeno exclusivo da sociedade contemporânea, tem causado sofrimento e impulsionado suas vítimas a buscarem consolo por meio de sua compreensão e superação.

Diante desse cenário, esta pesquisa, respondeu à questão como os ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento contribuem para o consolo e quais as consequências da ausência desse ensino entre os que sofrem? O trabalho foi dividido em três seções. A primeira seção abordou a existência de Deus, o sofrimento e o problema do mal. Com o apoio de estudiosos como William Lane Craig e Alvin Plantinga, compreende-se que o mal e o sofrimento não tornam impossível a existência de um Deus onipotente, onisciente e benevolente. Trata-se de uma antinomia que o ser humano, em sua imperfeição, não consegue compreender plenamente em relação a um Deus perfeito. O conflito reside no grau de entendimento do Divino, conforme Ele se revelou nas escrituras e na relação de cada indivíduo com Deus.

A segunda seção apresentou ensinamentos bíblicos sobre o sofrimento, começando com a introdução do mal no mundo, decorrente do pecado humano, conforme Gênesis 3. A natureza pecaminosa inclina o homem a satisfazer desejos egoístas, mas, ao caminhar com Deus (Sl 119.67), pode superá-los. Em Oséias, o sofrimento é utilizado por Deus para gerar arrependimento. Em textos que abordam a injustiça, como no livro de Amós, os cristãos são convocados a não se calarem e a lutarem por mudanças. Histórias como as de Jó e o quase sacrifício de Isaíque ilustram o sofrimento como uma forma de revelar o grau de relacionamento com Deus, não porque o Divino ignore o que ocorrerá, mas porque o ser humano descobre seu verdadeiro vínculo com Ele. Além disso, Timothy Keller apresenta uma série de versículos que destacam os atributos de Deus, os quais proporcionam consolo, quando não se tem todas as respostas do porquê do sofrimento em determinadas situações. A sessão foi concluída com a paixão de Cristo, que demonstra sua compreensão profunda do que é sofrer.

¹⁰⁶ MADUREIRA, 2017, p. 136.

¹⁰⁷ MARTINS, 2023, p. 112.

¹⁰⁸ NICODEMUS, 2012, p. 106.

¹⁰⁹ KELLER, 2015, p. 84.

¹¹⁰ CAMPOS, 2017, p. 214.

A terceira seção analisou os ensinamentos sobre o sofrimento na igreja. Jesus orienta o ensino do evangelho em Mateus 28.18-20; no entanto, algumas igrejas adotam um evangelho que ignora a cruz e o sofrimento, resultando em distorções que geram indivíduos feridos, os chamados “desigrejados”. Esse grupo inclui aqueles que conheceram o evangelho completo, mas se recusam a seguir o ensino que implica tomar a cruz, como Cristo. Embora o tema não tenha sido esgotado, o trabalho atingiu objetivos relacionados à compreensão das razões do sofrimento à luz da Bíblia, identificação de posturas bíblicas adequadas e análise das consequências da falta de ensino sobre o tema na igreja. A hipótese inicial sobre a falta de conhecimento sobre Deus e o sofrimento à luz da Bíblia não se aplica a todas as situações, pois há igrejas que ministram sobre o sofrimento. No entanto, existem desafios, especialmente em combater distorções advindas da teologia da prosperidade e na comunicação do evangelho em um contexto de fragilidade na aprendizagem, refletindo as palavras de Paulo a Timóteo em 2 Timóteo 4.3s.

Por fim, futuras investigações poderão aprofundar a compreensão sobre o tema, aqui sugere-se pesquisas sobre: análises de como o ensino bíblico sobre o sofrimento e o mal é exposto em diferentes denominações; promoção de estudos interdisciplinares que reúnam teólogos, psicólogos e sociólogos para discutir as intersecções entre sofrimento, saúde mental e fé; além de pesquisa sobre a relação entre sofrimento e a ética, discutindo como os ensinamentos bíblicos podem guiar comportamentos éticos em tempos de crise. Essas pesquisas são essenciais para o consolo e fortalecimento daqueles que sofrem, permitindo que, assim como o salmista em Salmo 142, mantenham sua confiança no Senhor.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Marcelo Santiago de Moraes. A experiência do Sofrimento e do Mal no mundo nega a existência de Deus? **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, v.12, n.1, p. 84-90, jun. 2023.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Mal líquido: vivendo num mundo sem alternativas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

BÍBLIA. Português. **Bíblia on-line**. NVT: Nova Versão Transformadora. 2021. Aplicativo. Disponível em: <https://www.bible.com>. Acesso em: 23 set. 2024

BIBO, Rodrigo. **O Deus que destrói sonhos**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Murilo Jardelino e Clélia Barqueta. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em comunhão**. Tradução de Vilson Scholz. São Paulo: Mundo Cristão, 2022.

CAMPOS, Idauro. **Desigrejados: teoria, história e contradições do Niilismo Eclesiástico**. Rio de Janeiro: BV books, 2017.

COSTA, Flávia Luíza Gomes. O Livro de Jó: uma catequese para um povo fracassado em sua esperança. **Revista de Cultura Teológica**, v.19, n.73, p.129-147, jan/mar, 2011.

CRAIG, Willian Lane. **Apologética para questões difíceis da vida**. Tradução de Heber Carlos de Campos. São Paulo: Vida Nova, 2010.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

HIPONA, Agostinho. **A Cidade de Deus: parte II (Livros XI a XXII)**. Petrópolis: Vozes, 2017. 734 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/206461?page=320>. Acesso em: 26 set. 2024

HIPONA, Agostinho. **Confissões**. Tradução de Frederico Ozanam Pessoa de Barros. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HUME, David. *Diálogos sobre religión natural*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979. 88 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/72057?page=66>. Acesso em: 17 set. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: **Censo 2010**: número de católicos cai e aumenta o de evangélicos, espíritas e sem religião: Os resultados do Censo Demográfico 2010 mostram o crescimento da diversidade dos grupos religiosos no Brasil... [S.I] IBGE, 29 jun. 2012. Atualizado em 23 jun 2023. Disponível em: <https://agencia-denoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/14244-asi-censo-2010-numero-de-catolicos-cai-e-aumenta-o-de-evangelicos-espíritas-e-sem-religiao>. Acesso em: 10 out. 2024.

KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo**: como a razão explica Deus. Tradução de Regina Lyra. São Paulo: Vida Nova, 2015.

KELLER, Timothy. **Caminhando com Deus em meio à dor e ao sofrimento**. Tradução de Eulália Pacheco Kregness. São Paulo: Vida Nova, 2016.

KIERKEGAARD, Soren. **O desespero humano**. São Paulo: Lebooks, 2021. E-book

KING JR, Martin Luther. **Letters to a Birmingham Jail**: A response to the words and dreams of Dr. Martins Luther King Jr. Editado por Bryan Loritts. Moody, 2013. E-book.

LEWIS, C.S. **O problema da dor**. Tradução de Francisco Nunes. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2021.

LIDÓRIO, Ronaldo. **Plantando igrejas**. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. 277 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/259122?page=15>. Acesso em: 06 out. 2024

MADUREIRA, Jonas. **Inteligência humilhada**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

MARTINS, Yago. **Esse Deus é meu diabo**: reflexões e aplicações práticas da mensagem de Jó 1-10. Rio de Janeiro, 2023.

NASCIMENTO, Lucas Merlo. Jó: Uma abordagem para a Pastoral. **Revista Batista Pioneira**. Ijuí, v.12, n.2, p 97-106, dez. 2023.

NICODEMUS, Augustus. **Cristianismo descomplicado**: questões difíceis da vida cristã de um jeito fácil de entender. São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

NICODEMUS, Augustus. **O culto segundo Deus**: a mensagem de Malaquias para a igreja de hoje. São Paulo: Vida Nova, 2012.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos**. [S. l.]: Simplíssimo, 2022. 90 p. Disponível em: <https://elibro.net/pt/ereader/fabapar/257935?page=5>. Recuperado de: 17 set. 2024

OMS. Organização Mundial de Saúde. **Depression and Other Common Mental Disorders: Global Health Estimates**. Genebra, 2017. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/depression-global-health-estimates> Acesso em: 12 out 2024

OMS. Organização Mundial de Saúde. **World mental health report: Transforming mental health for all**. Genebra, 2022. Relatório. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/9789240049338> Acesso em: 05 out 2024.

PIPER, John; TAYLOR, Justin. **Sofrimento e a soberania de Deus**: confiança e conforto para o cristão. Tradução de Heloísa Cavallari. 2.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2018.

PLANTINGA, Alvin. **God, Freedom, and Evil**. Michigan: Eerdmans, 1989.

PLANTINGA, Alvin. **Knowledge and Christian Belief**. Michigan: Eerdmans, 2015.

RUPPENTAL NETO, Willibaldo. **Igreja do cansaço**: desafios do cristianismo no mundo atual. Curitiba: Esperança, 2024.

RUTLEDGE, Fleming. **A crucificação**: entendendo a morte de Jesus Cristo. Tradução de Elissamai Bauleo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2023.

RYKEN, Philip Graham. **Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes**. Tradução de Markus Hediger. São Paulo: Cultura Cristã, 2017.

SAYÃO, Luiz. **O problema do mal no Antigo Testamento**: o caso de Habacuque. São Paulo: Hagnos, 2012.

SOFRIMENTO. In.: Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. Coordenação Marina Baird Ferreira. 8.ed. Curitiba, 2010.

SPURGEON, Charles Haddon. **Lições para os de pouca fé**. São Paulo: Legado dos Reformadores, 2023. E-book.

WEIL, Simone. **Espera de Deus**: cartas escritas de 19 janeiro a 26 de janeiro de maio de 1942. Tradução de Karin Andrea de Guise. Rio de Janeiro, 2019.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com
uma Licença Creative Commons
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações -
4.0 Internacional